

CAMINHOS E FRONTEIRAS

II

M. Cavalcanti Proença

Também as doenças mais frequentes é que possuem terapêutica mais definida. Donana curandeira usava pólvora e limão para impingem e há quem contorne a parte afetada com tinta de escrever. Creio que tinta do antigo tempo. Hoje, com a evolução industrial do produto, ninguém pode garantir nada. Oração dentro de breve, além de a mulher soprar numa garrafa e pôr o chapéu do marido na cabeça, resolvia partos encrocados, mesmo porque havia o cuidado de amarrar um cordão na barriga, a fim de evitar que a criança subisse para o peito. Se o filho morria, logo nascido, e o leite engorgitava o seio, convinha cortar um talo de folha de mamoeiro, fazer um coar e pôr no pescoco. Eram os anéis de talo murchando e o leite secando. Orações infalíveis de S. Marcos, redabrada como a que deu um conto de Guimarães Rosa, em *Sagarana*.

de Iguatemi. Se um sujeito gritava, ao entardecer, de uma canoa para outra, logo se engasgava com a boca cheia de baratas, nuvens de mosquitos; cavalos entravam de casa a dentro para se chegar ao fogo, aflitos com a mosquitama. Ainda hoje é assim em margens do Paraná e nos campos do rio Paraguai. Cachorro dorme em caixão, com saco de estopa servindo de cortina; animal ferido que deita não levanta no dia seguinte; cavalos baguais se amansam e vêm nas fogueiras fumarentas de capim úmido, perseguidos pela praga. Corre entre vaqueiros a frase "quem tira o gado do mato é a mutuca."

E verdade que os bichos-de-pé não são abundantes na terra do sertão, antes preferem chão limpo, de terra batida. Perseguiu o porco doméstico, em cujo focinho se cravam, colados quase um ao outro. Assisti a uma colheita curiosa de bichos-de-pé. O coletor entrava no terreiro dos porcos, de calças arregaçadas até o joelho. Voltava com as pernas crivadas de pulgas. Então, pisava numa bacia, a meio de álcool, e banhava as pernas para fazer cair as pulgas. Repetiu a operação algumas vezes e colheu milhares de bichos-de-pé, ainda jovens, à espera de hospedeiro para completar o ciclo. Perigoso como o bicho-de-pé, que mal tirado deixa uma ferida arruinada, é o carrapato: extraído sem técnica, deixa a armadura bucal encravada na pele e produz ferida feia. Para evitar o perigo, os caboclos, na hora do banho de rio, amarram em torno dele um fiapo de linha que vai sendo torcido, até arrochar o aparelho bucal que se fecha e larga a pele sem perigo. O método só serve para os carrapatos adultos, não para os pequenos, que no Estado do Rio se chamam micuim, diferentes do micuim de Mato Grosso que é uma larva de trombidídeo, pigmentada de vermelho vivo. Pois, para as larvas de carrapatos só mesmo a câncora e a infusão de fumo de rôlo, que também afugenta os "piolhos" de galinha, pi-xilingue. E flambagem de roupa na fogueira se a multidão ainda não se cravou

na totalidade. Simpatias há muitas para evitá-los, inclusive a do galho enfiado no cinturão ou no cano da bota. Só falha se, no galho eleito, já vierem os carrapatinhos.

Quanto à observação de que as mulheres são excluídas de qualquer intervenção em picada de cobra, com visível reminiscência bíblica, inclusive da periculosidade catamenial lembro que, em ferroada de arraia, é o contrário: a dor só passa — e dói vinte e quatro horas como garantem — se o doente conseguir que uma mulher se assente sobre a zona ofendida. Remédio seguro, mas perigoso, quando há homens que não têm a devida compreensão social das virtudes curativas de suas mulheres.

Como se vê, há multiplicidade de sugestões e de ensinamentos neste *Caminhos e Fronteiras*. Coisa muito de aprender a história do *escupil* "a modo de dalmáticas estofadas de algodão" e muito de meditar as razões que apresenta explicando a tolerância dos sertanejos para os crimes violentos, particularmente os de morte.

"Do Peão ao Tropeiro" estuda com brevidade, e desejariamos desenvolvimento maior, a presença dos cavalos e muarens na capitania e as implicações que esse fator determinou. Nestes comentários sem ordem, feitos ao estilo de conversa, como quem

está a dizer — por falar nisso — não queremos tratar de tema que nos levaria mais longe do que longe estamos. Importantíssimas as tropas de burros, cuja madrinha Darwin descrevia como "figura muito importante, velha égua tranqüila com um cinserro ao pescoco (...) a afeição dos animais pela madrinha nos evita muitas preocupações". Afinal, prometemos não comentar.

Mas voltam as canseiras do sertão, perigos de índios, falta de experiência no conduzir mercadorias. E no caminho de Cuiabá, que é o caminho muitas vezes lembrado no livro, as *Crônicas do Cuiabá*, a cada momento se queixam dos "secos e molhados" que se estragaram na viagem, a fome rondando, a ponto de se trocar um mulatinho por um peixe. E

a importância do proeiro, comandando e marcando a cadência dos remos, conhecendo os baixios e os fundos, remansos e rebojos, dono do rio e seu íntimo, como ainda hoje os pilotos de pequenos navios, enciclopédias fluviais especializadas, sem todavia conhecer, sequer o mapa das águas que navegam com sol ou no escuro.

A fabricação de farinha continua atual, como temos visto para tanta coisa, e o auxílio que presta ao sertão continua justificando a frase: "Farinha esfria, alimenta e sustenta", ou, mais desenvolvida: "esfria o quente (feijão ou caldo) aumenta o pouco, sustenta a gente" (*gente* na pronúncia de rio-a-baixo).

Parece que acabaram mesmo os bandos que saíam à rua com caixas rufando, corneta tocando, e logo que o povo se reunia, era para ouvir a leitura do edital em papel de pergaminho escrito a pena de pato. Última lembrança deles, já deformada, só me ocorre a do bando do Senhor-Divino, composto de mascarados a cavalo e que, parando pelas esquinas, lia o programa das festas, em versos que atucanavam sempre algum tipo conhecido na cidade. Já desapareceu em Cuiabá e não sei se sobrevive em outras cidades velhas.

O milho vem logo depois com a delimitação de sua área de influência ligada ao monjolo, a certos tipos de comida, como a jacuba, a pamonha, o curau (canjiquinha do nordeste), a canjica (com algumas diferenças) correspondendo ao mungunzá. Farinha de milho fermentada em côcho que, uma vez, já me valeu, no sertão do Paraná, na revolução de 1924, quando era cabo de um regimento de cavalaria.

A quirera e a canjiquinha, substituindo a escassez do arroz, milho pilado miúdo que, pelo aspecto, deu nome às larvas da lombriga solitária que infesta a carne do porco, outro dependente das áreas do milho. Pipoca é milho de brinquedo e não teve importância ao lado das outras variedades. Desejaria bem que o autor desenvolvesse o tema pelo aspecto agrícola, pois é ele bem parecido com o café, gostando do chão de mata recém-derrubada, esgotando a terra com avidez tremenda, causa remota de erosão pelo desnudamento das encostas de morros florestados, que sua lavoura determina.

A história do arroz tem menos peripécia pois não foi coisa que se desenvolvesse com abundância logo no começo, mas prosperou afinal, e o monjolo ajudou a limpar os marinhos envolvidos em palha. Para o índio não deve ter sido grande a novidade, a considerar a presença do arroz silvestre na mesma região matogrossense. Para doentes foi logo prescrito e a receita ainda executa os seus benefícios para as doenças digestivas. E-la, como colhi: uma xícara das de café cheia de arroz, uma garrafa de água. Cozinhar lentamente, até obter uma água engrossada com o ar-

roz que se desmanchou. Pode usar-se com açúcar, conforme o caso.

O livro termina em *O Fio e A Teia*, capítulo que trata dos teares de pano e de rede. Serviço de mulher, os teares de pano vieram de Portugal e o algodão era da terra. Modificações de técnica vão surgindo pelo aproveitamento de elementos locais em substituição ao que vem importado. Ainda hoje os barqueiros da Amazônia tingem as velas com anil para evitar o mofo; também as há em maior número, avermelhadas, pelo emprego do "mangue" de resultados idênticos. De buriti, peciolo e nervura dos folíolos, foi que vi teares no sertão fronteiriço de Goiás e Bahia, o que convém acrescentar às virtudes da palmeira, que pode com o ar com a carnaúba, há muito tempo célebre. Aqui, porém, se abre desvio e vamos voltar às redes, muito mais acolhedoras para um descanso deste artigo muito estirado.

Conheço-as desde menino da Várzea Grande, hoje município, arrabalde de Cuiabá no meu tempo. Sérgio Buarque de Holanda parou na Várzea Grande, trouxe de lá um tear, rede, um descaroçador de algodão, fusos, bodoque de cardar, e tudo está no Museu Paulista, onde se devem sentir superiores aos outros utensílios que ainda trabalham, como se sentirá altaneiro um escritor na Academia de Letras. E os estudiosos ficam a contemplá-los reverentes, recebendo a mensagem que nos enviam do passado. Duvido que Sílvia Lola, redeira mestra, não sorria ao vê-los assim respeitados, lembrando o "eu

te conheço, meu pau de laranjeira". Sérgio Buarque de Holanda foi minucioso na descrição das peças do tear, da técnica de tecelagem. Mas antes havia falado da xerga rude ou bechara. Não será melhor pronúncia bechará? O nome parece o mesmo bichará do Rio Grande, poncho de tecido grosseiro de lã, que Luís Carlos de Moraes registra no seu *Vocabulário Sul Rio Grandense*. Pergunto.

O uso da rede não mereceu o mesmo carinho que, a meu parecer, estava merecendo. Pois não é o mesmo nó que serve para armar rede em árvore ou esteio roliço e em armador ou escápula. Para o primeiro, a corda é passada em nó especial que não permite escorregar a corda ao longo do esteio. O mesmo nó feito de clina é usado para fechar a incisão do flame sobre a jugular do cavalo depois da sangria. No armador o nó é próprio para desarmar sem esforço. Desatar o punho da rede. Hoje muita tecedeira compra linha para o seu ofício. Mas a velha maneira é escaroçar o algodão, fofar com o bodoque e fiar no fuso de mão ou de pé, sendo que o de mão dá fio mais apertado. Alvejado o fio com sabão, o trabalho seguinte é armar o ordume na grade do tear.

58/04/20

Jornal do Brasil

SBH

2207(12)

215-21

SBH
84 220 (2/2)
ex. 15 mo

Rêde, lisa ou lavrada, exige maior ou menor quantidade de liços. Conforme o lavor, assim o número de liços. Figuras de aves da beira do rio, cores misturadas valorizam a rêde. Para o azul, o genipapo verde; amarelo-vermelho, o urucum; amarelo-claro, açafrão; e preto, bonito mesmo, é com tijuco. Palmo e meio por dia de trabalho em rêde simples, que de casal demora mais. Pode ser de linha de "nove-linho" ou francesa, melhorias modernas. Mas as varandas são adornos antigos. Rêde de pobre tem mesmo é franja, feita separadamente e costurada; gente de pos-ses escolhe varanda de pu-çá, se não houver lavor, pois a rêde lavrada exige varan-da de ponto de abrolhos.

Não basta obter uma rêde, é preciso saber usá-la e dor-mir de atravessado para não se fechar em cima, dando um jeito no corpo para esti-cá-la como é obrigação do temperê ainda no tear. E embalar também tem a sua ciência, primeiro uma perna pendurada que toca o chã com a ponta do pé e o ga-leio do corpo aproveitando o impulso ao máximo. Mãe de filho pequeno põe a criança na rêde e amarra um cordão em cada punho. To-dos vêm até perto da rêde materna. Alta noite um se vira e choraminga. O cordão puxado embala e o menino sossega. Mãe de família aprende a distinguir choro de filho, de longe, e a ta-tear o cordão certo, no es-curo. Há gente que usa cor-rente em vez de corda no punho da rêde, dura a vida inteira. De um que vivia em casa se embalando, con-tam que firmava o pé na pa-rede de adobe e foi abrindo um buraco. Certa manhã, o vizinho parede-meia levou um susto, quando o pé do vizinho apareceu de sopetão na sua varanda, porque a parede se furou. Mandou consertar e botar uma chapa de ferro no ponto de firmar o pé para o embalo.

E, com esta, desato o pu-nho da rêde, dobro-a na ma-la de garupa e me despeço do livro de Sérgio Buarque de Holanda que me ensinou tanta lição e me deu tanta saudade.